

| 1028 | HENRIQUE DE NOVAES: UM INTERLOCUTOR DE IDEIAS NO CLUBE DE ENGENHARIA

Anna Rachel Baracho, Eduardo Julianelli, Angela Lucia de Araujo Ferreira, Yuri Simonini

Resumo

Uma das formas de legitimação e divulgação do conhecimento técnico-científico que os engenheiros se apoiavam para resolver questões ligadas à realidade brasileira foi a publicação de seus estudos em revistas especializadas. Em tais fóruns, importantes profissionais se propuseram a não somente expor suas teorias, mas também incorporaram em seus textos os princípios que nortearam sobremaneira seus projetos. Nesse contexto, o trabalho objetiva entender a participação do engenheiro Henrique de Novaes como interlocutor e promotor de ideias e práticas sobre a cidade brasileira nas décadas de 1930-1940 em suas publicações. Analisa-se sua atuação no Clube de Engenharia, explorando as trocas mútuas de conhecimento que enriqueceram sua trajetória profissional e, ao mesmo tempo, consolidaram o Clube (e mais especificamente a Revista editada pela entidade) como um lócus estratégico de discussão e debate acerca da cidade, da região e do território no Brasil à época. Na pesquisa histórica documental utilizaram-se, como fontes primárias, principalmente, artigos publicados na Revista do Clube de Engenharia. Para tanto, parte-se do pressuposto de que o discurso é uma construção em busca da afirmação do pensamento de um determinado grupo, legitimando-o e assegurando relevante papel na sociedade. Percebe-se que o discurso não se encontra desvinculado da prática e dos interesses daqueles que o elaboravam. Assim fez Novaes ao imprimir sua visão de mundo em seus textos e em sua prática, introduzindo novas representações e linguagens que conduziam a buscar, mesmo indiretamente, a construção de novas cidades para um novo Brasil.

Palavras-Chave: Saber politécnico, Circulação de ideias, Trajetória profissional, Análise do discurso

À guisa de introdução: a legibilidade da técnica - o Clube de Engenharia como lócus de interlocução

Desde o final do século XIX, em particular com a fundação da Escola Politécnica no ano de 1878, os engenheiros passaram a desempenhar papel estratégico no debate em torno do “progresso” das cidades brasileiras e de suas efetivas transformações. A razão técnica, como enfatiza Antoine Picon (1994), legitimou os novos espaços que, por meio da implantação de complexos sistemas infraestruturais e suas redes, anunciaram a formação de uma área urbanizada, em contraste com a paisagem do período colonial.

O conhecimento técnico-científico assume a função de legitimador dessa nova ambiência respaldando-se em tempos ensejados pelas “verdades absolutas”, como diria Lilia Schwarcz e Ângela Costa (2000). A apoteose da técnica e o apogeu de certa modernidade

“irrefutável” elegeram o engenheiro como principal interlocutor de afirmação desse pensamento e a cidade como campo de experimentação, como discorre Antoine Picon:

Que ce soit comme concepteurs des grands réseaux techniques, comme architectes ou comme urbanistes, ils se sont presque toujours réclamés de connaissances et de savoir-faire aussi objectifs que les sciences physico-mathématiques auxquelles ils empruntaient des méthodes et des outils. Entretien par une abondante littérature spécialisée, cette revendication d'objectivité ne résiste cependant pas à un examen attentif. L'action des ingénieurs s'inspire en effet de représentations de l'efficacité, de thèmes et des modèles tout aussi culturels que les idéaux auxquels se referent d'autres acteurs du développement urbain. La grande ville et ses alentours immédiats constituent un excellent révélateur de cette dimension culturelle (Picon, 1994, p.137).

O saber politécnico, em especial, viria concretizar as ideações de progresso da nação por meio de práticas disciplinadoras e reformuladoras que muito condiziam com então espírito centralizador e modernizador em voga. Com a ascensão dos engenheiros nas “lides nacionais” estendia-se também a todo o território nacional a aplicação e difusão das ideias positivistas.

Convém destacar que os alunos e mestres da Escola Politécnica tinham ligação direta com o Clube de Engenharia¹ e, segundo Mário Barata (1973, p.78), “poder-se-ia dizer que uma reunião deste último incluía em si a da Congregação da Escola”. O Clube consolidou-se como importante divulgador da engenharia brasileira, de modo especial com a criação da Revista do Clube de Engenharia cuja circulação teve início em janeiro de 1887 e se mantém reformulada, até os dias atuais. Nascia uma revista eminentemente técnica – em um meio ainda carente e restrito – com o objetivo de “servir a Engenharia Brasileira” e auxiliar “o engrandecimento da Pátria pelo trabalho”, como descrito em editorial a “razão de ser” do veículo (Portella, 1959, p.21).

Várias foram as alterações no ritmo de sua seriação ou no formato e até mesmo nas interrupções. Após a suspensão mais notória em 1913, a revista ressurgiu apenas em 1922 com um número especial comemorativo do Centenário da Independência e no mês de setembro de 1934 tem-se início a segunda fase da revista², cuja comissão de redação foi

1 Durante trinta anos o Clube de Engenharia foi dirigido por seu “Presidente Perpétuo”, o professor e também diretor da Escola Politécnica, no ano de 1915, o engenheiro André Gustavo Paulo de Frontin.

2 Uma das principais mudanças foi, ao contrário ao que ocorreu nas edições anteriores, as impressões em oficinas particulares e parte na Imprensa Nacional sem anúncios ou propagandas, uma vez que “foi decidido que a Revista seria editada em oficina particular, pagando-se essa impressão com a publicidade comercial remunerada, e em consequência a administração organizada comercialmente” (Portella, 1959, p.21).

composta por Maurício Joppert da Silva, Ernani da Motta Rezende e Henrique de Novaes, sob a orientação deste³.

Dentre esses nomes da engenharia nacional, destaca-se Henrique de Novaes, nesta ocasião com mais de 30 anos de prática profissional e tendo sua trajetória marcada também pela assunção de cargos públicos – quer como chefe de Comissões de Obras nas cidades de Natal, São Paulo e Rio de Janeiro ou como Prefeito da cidade de Vitória entre 1916 e 1920, e figura-chave neste processo. Assumiu a redação da revista e a “moldou” a partir da complexidade dos emergentes problemas urbanos e regionais, do jogo de interesses públicos e privados e da ênfase em novas técnicas que se consolidavam, tal foi o caso do concreto armado. Desempenhou, portanto, papel de articulador e promotor de um discurso racionalista e progressista pautado no fortalecimento da engenharia como disciplina.

Mas, havia uma prática técnica e, ao mesmo tempo, discursiva e política que em paralelo procurava empreender os anseios republicanos de ordenamento, racionalidade e progresso? Nesse sentido, busca-se entender o papel articulador, reformador e, ao mesmo tempo, político do saber em ascensão na virada do século XIX: a engenharia. Mais precisamente, enseja-se compreender a atuação do engenheiro Henrique de Novaes no Clube de Engenharia do Rio de Janeiro, na década de 1930.

Em uma perspectiva histórico-cultural, esse trabalho enfatiza a prática discursiva deste eminente profissional – nas suas mais distintas camadas de consolidação – na qual saber e poder fundem-se pela ritualização da palavra (Foucault, 1994). Para tanto, analisou-se os artigos autorais de Henrique de Novaes para a revista durante sua veiculação na década de 1930, buscando trazer à tona a relação deste engenheiro com os princípios balizadores do clube e suas repercussões ao ideário urbanístico brasileiro. O presente trabalho se divide em dois itens. Primeiro, tratou-se a atuação deste profissional e sua relação com o periódico para, em seguida, analisar o papel do discurso de Novaes frente à construção dialogada de um pensar sobre a cidade e o território no Brasil da primeira metade do Século XX.

Henrique de Novaes: a prática discursiva e a promoção da engenharia nacional

³ Vale dizer que, neste momento, Sampaio Corrêa era o Presidente do Clube; renomado engenheiro, ex-mestre de Novaes na Escola Politécnica do Rio de Janeiro e seu primeiro chefe na Comissão de Obras Novas contra as Sêcas do Nordeste em 1904, quando ainda era estudante.

Com ampla atuação pelo país como técnico responsável por planos de saneamento e abastecimento de água, obras contra as secas no Nordeste e transformações urbanas em cidades como Vitória, Natal, Rio de Janeiro e São Paulo no período de 1905 a 1950, Henrique de Novaes foi também um teórico dos grandes temas da engenharia nacional.

Ingressou no Clube de Engenharia do Rio de Janeiro no ano de 1904 - associação fundada em 24 de dezembro de 1880 - e lá, além de ensaiar uma maior divulgação do ideário modernizador da engenharia, sobretudo nos anos 1930 quando compôs o quadro editorial da Revista do Clube, teve as bases necessárias para a materialização de seu discurso. O Clube permitiu a Novaes o apoio imprescindível - nessa figura representativa de classe profissional - para respaldar seus estudos que questionavam opiniões internas e externas em relação a obras e serviços em execução.

Trata-se de um profissional que suplanta a imagem de sócio efetivo (de 1904 a 1950, ano de sua morte - Figura 01), ao assumir importante papel na consolidação do Clube como entidade de discussão e de legitimação da engenharia no Brasil. Como dito, entre os anos de 1934 e 1939, fez parte da Comissão de edição da Revista do Clube de Engenharia atribuindo-lhe um caráter também comercial e propagandista, com divulgações de empresas, profissionais e materiais inovadores sob a responsabilidade do então "Chefe de Publicidade", função inserida nesta época no quadro da edição.

É, aliás, o período o qual atesta a publicação do maior número de seus artigos caracterizados por expressarem essa ideia divulgadora da engenharia, presente em toda sua trajetória.

Figura 01: Ficha de cadastro de Henrique de Novaes no Clube de Engenharia

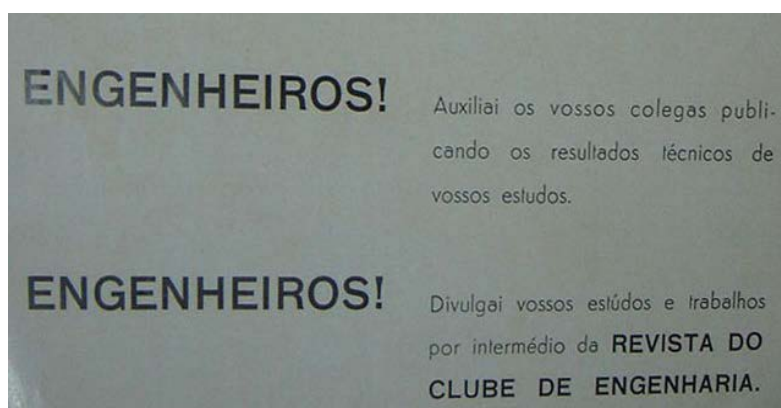
(Faleceu a 3 de Abril de 1950)

| | | | |
|-----------------------|--------------------------------|----------------|-------------------------|
| Nome | NOVAES, Henrique de | Matr. | 69 |
| Nacionalidade | Brasileira | | |
| Lugar do nascimento | Espirito Santo | | |
| Data | 16 de agosto de 1884 | | |
| Proponente | Jorge Valdetaro de Lossio | | |
| Proposto em | 28 de junho de 1904 | | |
| Admitido em sessão de | 16 - 7 - 1904 | | |
| Categoria de socio | Efetivo | Titulo | Eng ^o Civil |
| | | Formado em | 1907 |
| | | Escola | Poly. do Rio de Janeiro |
| | | C. R. E. A. n. | 992-D |
| | | Região | 5a. |
| Residência | Rua Sabin, 31 | Tel. | 26-2534 |
| Escritório | Rua Ardujo Pont. Alegre, 40-8º | Tel. | 42-8756 |
| Caixa Postal | | | |

Fonte: Acervo do Clube de Engenharia

No seio desse processo de reformulação pelo qual passou o veículo informativo – possibilitando a ampliação do debate em torno de elementos técnicos e teóricos inovadores que contribuiriam para o desenvolvimento prático da disciplina –, os profissionais foram chamados (também por uma prática publicitária com anúncios na Revista – Figura 02) a contribuir por meio da publicação de artigos, realçando a formação de conhecimento e o intercâmbio proposto pelo boletim. Isso demonstra uma necessidade de uma maior interlocução técnica entre os profissionais, ao mesmo tempo em que propiciava o alargamento da circulação de ideias na forma de estudos e divulgação de ações concretas que poderiam ser analisadas, criticadas ou reproduzidas em todo o Brasil.

Figura 02: Convocação para publicação de estudos na Revista do Clube de Engenharia



Fonte: Revista..., 1934.

As novas ideias exigiam também uma inovação de imagem. A revista, assim, ganhou um moderno formato gráfico que se fez perceber desde as capas as quais receberam cores, fotografias representativas de obras ou técnicas, bem como de personalidades emblemáticas que representassem a categoria. Novaes, de fato, foi um dos responsáveis por mudanças tão significativas e sua atuação resultou no reconhecimento do então Presidente do Clube de Engenharia em 1959, Maurício Joppert da Silva, que publicou artigo homenageando o engenheiro como o “(...) primeiro e principal redator” da revista:

O número de setembro de 1959 da Revista do Clube de Engenharia marca a data de 25 anos de publicação ininterrupta da mesma, em sua segunda fase iniciada e impulsionada pelo ilustre Eng. Henrique de Novais, que organizou a administração da mesma em moldes comerciais, evitando assim a dependência de favores de outrem e foi o seu redator e orientador durante cinco (5) anos (Silva, 1959, p.11-12).

Cabe mencionar que, na década de 1930, ainda editavam-se artigos sem autoria, como o texto com sugestivo nome de “Ninguém é profeta em sua terra...” (publicado na Revista do Clube de Engenharia de setembro de 1937). A ênfase é a do conhecimento científico e técnico e da reafirmação de uma produção nacional. Por outro lado, traz à tona o papel do Clube de Engenharia (e da Revista, por consequência) como entidade comparsa de um processo imbricado entre as esferas pública e a privada no Brasil, alimentado pela relação entre os serviços de infraestrutura pública e a necessidade de desenvolvimento material e industrial para dar-lhes suporte.

O artigo, que enfatiza a obra da adutora do Ribeirão das Lages no Rio de Janeiro – projeto sob a responsabilidade de Henrique de Novaes – segundo a descrição, seria composta por canalizações produzidas pela *Société des Hautes-Forneaux et des Fonderies de Pont-a-Mousson*, assunto inclusive que mereceu destaque na capa da revista ao divulgar imagens dos tubos confeccionados pela empresa.

Além de ser estabelecido contrato entre a firma concessionária da obra – Dahne Conceição & Cia – e a Sociedade Industrial de Tubos para o fornecimento de tubos do tipo Bonna, os quais representariam uma inovação técnica à época por permitirem impermeabilidade da parede por meio de uma camisa de aço soldada, enfatizava-se a estrutura a ser consolidada no Rio de Janeiro para tal fim. De acordo com o artigo, a então chamada “Sitobus” – união da *Société des Hautes-Forneaux et des Fonderies de Pont-a-Mousson* com a *Société des Tuyaux Bonna* “(...) adquiriu uma grande área e vai erigir uma fábrica moderníssima entre Campo Grande e Bangu”. A montagem, também no Rio de Janeiro, da Usina de Centrifugação de Gorceix, em colaboração com a Companhia Siderúrgica Belgo Mineira e sob a designação comum de Cia. Ferro-Brasileira, mereceu igual destaque por corroborar com a nascente estruturação industrial tão almejada, como pode ser visto a seguir:

Des'tarte, no curto prazo de uns seis mezes, teremos fundido no Brasil tubos de ferro fundido até o diâmetro de 60 centrimetros inclusive e comprimentos de seis metros, de metal brasileiro, com carvão vegetal brasileiro, com 90% de mão de obra brasileira, sob os céos hospitaleiros do Brasil (Revista..., 1937, p.1587).⁴

A figura 03 ilustra as autoridades e profissionais presentes no estande de inauguração da *Société des Hautes-Forneaux et des Fonderies de Pont-a-Mousson* na “X Feira Internacional de Amostras do Rio de Janeiro” em 1937, dentre os quais, estavam os chefes

⁴ A ortografia e a pontuação das citações deste trabalho foram atualizadas em relação aos documentos originais, inclusive com correções eventuais dos erros tipográficos e de redação.

das firmas envolvidas com o contrato das obras do Ribeirão das Lages e o engenheiro Henrique de Novaes (o quarto da esquerda para a direita). Merecem destaque os mapas do Brasil (do lado esquerdo) e da França (do lado direito) fazendo-se menção não apenas à aliança tecnológica recém-firmada como também, ao que tudo indica, à abrangência da mesma no fornecimento de material para vários estados brasileiros.

Figura 03: Stand de inauguração da X Feira Internacional de Amostras do Rio de Janeiro em 1937



Fonte: Revista..., 1937, p.1587.

É importante destacar que se tratam aqui de relações de apoio mútuo, não sendo diferente na estreita ligação firmada entre Novaes e o Clube de Engenharia. Ele alimentava os debates teóricos quando desempenhou o papel de explorador de novos temas, mas também se auto divulgava. Renomado e reconhecido estudioso, atraiu muitos ouvintes e graças a sua influência no Clube de Engenharia e o seu poder de articulação como homem público – que não deixou de ser, mesmo findado o mandato de prefeito de Vitória – recebeu inúmeros convites para integrar comissões, elaborar pareceres e chefiar obras. Em julho de 1938, por exemplo, realizou viagem à Europa como consultor técnico da já mencionada firma Dahne Conceição & Cia, com o objetivo de pesquisar *in loco* a produção de tubos para as obras do Ribeirão das Lages.

Aí se verifica, portanto, o exercício simultâneo de múltiplos papéis: Chefe da Divisão Técnica da Inspetoria de Águas e Esgotos do Rio de Janeiro, contratado da

concessionária responsável pela obra e interlocutor das novas experiências, conforme pode ser comprovado nos escritos publicados na Revista do Clube de Engenharia de 1938 (quando ainda editor):

No dia 15 de janeiro, realizou-se no restaurante Lido, o almoço oferecido pela firma Dahne Conceição & Cia, ao seu Consultor Técnico Engo. Henrique de Novaes, por motivo de sua viagem à Europa, onde com a proficiência que lhe é peculiar, irá desempenhar uma importante missão técnica.

O Engenheiro Henrique de Novaes leva também a honrosa incumbência de como representante do Clube de Engenharia, apresentar aos nossos colegas dos países da Europa [de] suas Sociedades de Classe, os sinceros anseios de uma colaboração eficiente e útil para os engenheiros brasileiros.

A “missão técnica” realizada em fevereiro de 1938 – cuja designação aproxima os moldes da engenharia à feição militar de sua origem de formação – gerou uma série de artigos produzidos por Novaes e publicados na Revista do Clube de Engenharia de julho de 1938 a janeiro de 1939, intitulados “Impressões de um curioso” (Figura 04).

O objetivo da missão era se apropriar de novas realidades transpondo-as aos engenheiros no Brasil e apesar de Europa e Estados Unidos abrirem precedentes para as pesquisas à época o então correspondente ampliou as buscas para relatar experiências mais próximas ao caso brasileiro:

A minha excursão ao estrangeiro, - especialmente Europa - teria por objetivo estudar as tubulações existentes do tipo Bonna, perquirindo-lhes as condições de fabricação e assentamento. Preferi dirigir-me primeiramente ao norte da Africa onde - no Marrocos Francez -, as sociedades Ponta a Mosson e Bonna (...) haviam construído uma extensa canalisação adutora, e - na Algeria - aquela Sociedade e a Campenon-Bernard, se estavam empenhando na execução de ultra-modernas tubulações dos tipos Franki Freycinet. (Novaes, 1938a, p.2151).

Figuras 04: Um dos artigos da Série “Impressões de um curioso” publicada na Revista do Clube de Engenharia



Fontes: NOVAES, 1938a.

Essa experiência foi instrumentada nas suas impressões, deixando perceber não apenas os aparatos técnicos a que se propôs revelar, mas também sua leitura das realidades vistoriadas. Seus textos leem as cidades (Gomes, 1997), considerando-as em seus aspectos físico-geográficos, sua paisagem urbana, sua história e dados culturais e do cotidiano.

(...) A cidade escrita é, então, resultado da leitura, construção do sujeito que a lê, enquanto espaço físico e mito cultural, pensando-a como condensação simbólica e material e cenário de mudança, em busca de significação. Escrever, portanto, a cidade é também lê-la, mesmo que ela se mostre ilegível à primeira vista (Gomes, 1997, s.p).

As “Impressões de um curioso” propõem trajetos imagéticos na apreensão desses lugares. A cidade configura-se, assim, como uma máquina de narrar (Gomes, 1997), de produzir imagens e aí são explicitados os possíveis caminhos da narrativa de Novaes.

Nesse sentido, em um dos textos da coletânea fez um relato histórico sobre Dakar a qual conheceu “de tradição” pelos relatos de pessoas amigas (Novaes, 1938a, p.2151). Ressalta-se uma produção para além de técnica, mas literária, cujo olhar que se afigura é o de um engenheiro que suplantou os perímetros da profissão e a descrição de aparatos técnicos.

O desenvolvimento econômico da região (destacado pela locação e construção do porto), os sacos de amendoim expostos no cais (principal produto de exportação da capital do Senegal à época), a presença dos negros na sociedade e os destaques estéticos do templo gótico, compõem suas múltiplas percepções:

Os negros de Dakar, não impressionam mal; são parecidos com os nossos, apresentando, porém, tipos mais finos. Vestem-se, em geral, de uma longa túnica de algodão kaki ou, raramente, de casemira. Os europeus, quase todos, sem exceção das crianças e mesmo...das religiosas usam capacetes para se protegerem do sol cujos efeitos nessas paragens são fulminantes quando incidem os seus raios diretamente na cabeça (NOVAES, 1938a, p.2153).

E continua:

Vi de perto também um acampamento da gente do país; - o mais primitivo em matéria de habitação humana a alguns quilômetros e entre duas cidades modernas: - todos de pelo de camelo, cobrindo recintos cercados em pedra seca. O árabe é um exemplo sem par de renúncia; trabalha apenas para se alimentar parcamente, e mal se vestir; nutre-se apenas para viver, no limite extremo da sobriedade; seu único prazer na vida: - a mulher!

Não será a obsessão carnal a razão da decadência dessa raça que retrocedeu na civilização após haver dominado nas ciências e nas artes, conquistando outros povos?!

A resignação do árabe e a paciência do camelo casam-se á cada passo, no bled marroquino. (NOVAES, 1938b, p.2288).

A estrutura narrativa de Novaes, aliás, em muitos dos artigos produzidos, é norteadada por contrastes ou comparações ora ao ressaltar semelhanças ora ao destacar particularidades. Não à toa, aproximou essa experiência também a sua trajetória pessoal; tal é o exemplo da analogia feita entre a Catedral de Dakar e a nova catedral de Vitória, projeto por ele proposto anos antes da viagem:

Impressionou-me sobremodo a nova Cathedral, pelo gosto arquitetural, pela simplicidade, pela ordem interna, pela freqüência numerosa e pia (vi-a na ocasião da missa dominical de 10 horas...) e, acima de tudo, pela emocionante aliança de fé e de patriotismo, que se traduz na legenda dourada que lhe ensima a fachada.

'A ses morts d'Afrique la France reconnaissante'. Recordei-me, com saudade e pena, da cathedral de Victoria, no meu Espírito Santo: - em 1930 eu propuz para ela uma arquitetura semelhante a essa de Dakar, para substituir o antigo templo mosdônico; a autoridade eclesiástica vetou-me o projeto, condenando o que ela chamava de 'uma igreja de concreto armado'. (Novaes, 1938a, p. 2154).

Ao se ampliar a análise das viagens empreendidas por Novaes e seus produtos textuais - que tinham "(...) por base a territorialização e o documental" (Gomes, 1997, s.p.) -

nota-se a impressão de um discurso que tematizou o território e o urbano, conectando-os por meio da linguagem técnica e da gestão dos serviços de infraestrutura.

O próprio anseio de progresso e modernização que foi construído ao longo de sua trajetória imbricou-se no papel de interlocutor de ideias ao exprimir e repassar aos demais colegas de profissão sua leitura da cidade e do território. A síntese de conceitos por ele defendidos de gestão pública, de integração, de promoção de novas técnicas – todos amparados por um novo modo de pensar a cidade e o território e seu desenvolvimento – pode ser percebida em sua assimilação da cidade de Casablanca:

O bom senso e a ordem postos na execução de todos os serviços públicos são admiráveis e nós, no Brasil, só temos algo parecido em S. Paulo e em Belo Horizonte. [...].

Mas o ponto de partida da modernização de Casablanca foi a greve de 30 de julho de 1907, durante a qual foram assassinados alguns operários europeus ocupados nos primeiros trabalhos do porto atual, dando lugar ao desembarque do corpo de ocupação francês, com a conseqüente pacificação da região em alguns meses. Intensificou-se então a imigração européia e começou a surgir a cidade nova, de 2500 hectares, com suas largas avenidas, seus soberbos parques e seu vários jardins.

Em 1933 – 26 anos após o início de sua fase moderna – contava a cidade 275.500 habitantes, dos quais 80.000 europeus; comparável portanto, a Belo Horizonte, em população e intensidade de crescimento [...].

Excelentes serviços de viação urbana, de águas e de esgotos bons hotéis com um total de 2000 quartos, boas praias de banhos, várias distrações, ligações marítimas, terrestres e aéreas, com o interior do país e com o exterior tornam essa cidade apreciada e agradável estação de inverno (Novaes, 1938a, p. 2154).

Ideias e percepções são materializadas em uma narrativa própria que responde textualmente aos problemas urbanos e às demandas vivenciadas no Brasil à época.

As linguagens e as narrativas na obra de Henrique de Novaes: Considerações finais

É possível estabelecer um diálogo concreto entre a prática discursiva de Novaes e o próprio exercício da engenharia no Brasil na qual imagens e representações de cidades e da cultura técnica são demarcadas, justificadas e propagadas em nome da consolidação do saber e, porque não, de um jogo de interesses.

Sua percepção, inúmeras vezes, foi expressa por meio de fotografias que, para ele, encerravam importante função na concretização de seu discurso, como discorre em uma das “Impressões”, mas que enseja a ideia de verdade, de materialização de um pensamento:

Procuro suprir com a fotografia a pobreza de minha humilde prosa; daí a profusão de vistas com as quais vou ornando estas insossas notas de uma viagem, de malogrado fim... As fotografias são assim, as fichas de minha memória; - revendo-as, recordo-me facilmente do que observei; postas em devida ordem elas ordenam-me também as narrativas. (Novaes, 1938b, p.2285).

Os documentos são exemplos valiosos que possibilitam a construção de uma análise pautada “(...) por uma história da *mise en oeuvre* dos materiais e técnicas, como por uma história da administração e dos conflitos profissionais” (Salgueiro, 1997, p.142).

O discurso técnico, aliás, serviria sobremaneira para dirimir conflitos e se revestiria de poder de construção e, essencialmente, de fundamentação do lugar profissional e do lugar institucional. Nesse contexto, a década de 1930 é marcada por uma dimensão dúplice de ruptura e continuidade, como elucida Milton Lahuerta:

A exigência de renovação da sociedade tornava-se sinônimo de aparelhamento e centralização do Estado. De tal forma isso ocorre que é possível qualificar o período que se abre em 30 como inaugurando uma nova fase, tanto no que se refere à dinâmica do capitalismo brasileiro quanto à centralização das funções de gestão, regulação e administração do Estado. (...) No Pós-30, ocorre uma verdadeira inversão [da lógica oligárquica], marcada por um paulatino processo de centralização e de unificação dos mecanismos estatais, até se chegar a um novo padrão estrutural de formulação de políticas (claramente estabelecido durante o Estado Novo) e a uma perspectiva própria, específica e autonomizada frente aos interesses na forma originária e bruta em que eram perseguidos pelas classes econômicas. (Tavares, 1982 apud Lahuerta, 1997, p. 104).

Vale ressaltar que entre os anos de 1920 e 1940, em âmbito brasileiro, o mercado da construção civil consolidou-se a partir da atuação de três agentes, segundo Freitas (2012, p. 3): “a opinião pública (i.e, os clientes), o poder público e a mão de obra”. A tríade denominada pela autora como Cultura Técnica simbolizou a atuação positiva do Estado e demandou um maior poder de articulação quer seja na organização da legislação, quer seja na ação mais especializada de profissionais no espaço urbano ou, ainda, no poder exercido sobre essa clientela⁵.

⁵ Apesar de não ser ênfase deste trabalho, destaca-se que a partir da década de 1940 a publicação do Clube de Engenharia sofreu influência direta da atuação marcante do Estado na tentativa de monitorar a produção literária

Nesse sentido, a atuação do engenheiro Henrique de Novaes no Clube de Engenharia e os vários papéis que desempenhou serve-nos como espelho para se pensar parte do processo de circulação de ideias e suas interfaces no âmbito profissional da engenharia e da prática urbana no Brasil. As interlocuções com o mercado local, a ideia propagadora de técnicas e materiais bem como a justificativa de obras públicas ressaltam o poder que este ator social exerceu. Para Heliana Salgueiro (2004, p.49): “A história das transferências e apropriações inscreve-se em leituras de trajetórias biográficas que articulam os indivíduos às representações e práticas experimentadas no âmbito de cada caso”.

Os impressos especializados, tal é o caso da Revista do Club de Engenharia, eram peças importantes nesta engrenagem que se movia objetivando o progresso com base na promoção de obras modernizadoras. Os temas nacionais de maior relevância estavam na ordem do dia e, por conseguinte, nas páginas da revista cuja circulação e o debate gerado ajudaram sobremaneira à consolidação de um pensar sobre a cidade na primeira metade do Século XX.

A promoção ou “publicidade” de determinados temas, como a ênfase dada à aceitação do concreto, por exemplo, simboliza o modo singular de apropriação de conceitos inscritos e marcados por objetivos dos vários agentes envolvidos neste processo. Objetivos tais que, como visto, são multifacetados e recobertos por vários interesses, muitas vezes de cunho particular.

A intenção comum, todavia, era de modernizar. As viagens empreendidas e os relatos produzidos por Novaes, quando transferidos ao Brasil – por meio da difusão da Revista do Clube de Engenharia – expressavam sempre os traços de modernidade e as novas possibilidades que o país dispunha. Se a ideia foi romper fronteiras, a escolha de sítios a explorar como Dakar, por exemplo – inusitados para a época – representou também algo digno de ressalva em termos de uma leitura social e cultural do território. Apesar dos interesses em jogo, buscaram-se igualmente as similaridades, as escalas aproximadas e não apenas o objeto-desejo de cópias arraigado por influências anteriores.

e técnica por meio de normatizações. Segundo Portella (1959, p.22): “Em novembro de 1941 em virtude da lei do Sindicalismo e da lei do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que proibia às sociedades culturais, como era então o Clube de Engenharia, pois a representação dos interesses econômicos, financeiros e sociais dos Engenheiros era da alçada do Sindicato dos Engenheiros, por opção do mesmo Clube de Engenharia, de editar Revistas ou jornais com propagandas pagas, tão somente Boletins, passou a Revista a ser publicada pela Engenharia Editôra S. A, fundada e inteiramente financiada por sócios do Clube de Engenharia.” A decisão em continuar com a revista, nos moldes já consolidados, detona a força e a importância desse veículo e do Clube de Engenharia tanto para a categoria profissional como para a sociedade em geral.

Se a mentalidade era cientificista, como bem discorreu Milton Vargas (2001, p. 47), cabia à ciência validar os novos projetos. Novaes serve-se da fotografia, como mencionado, para dar forma ao seu discurso. A reprodução de tubos empilhados ou a imponência de uma catedral visitada em país vizinho tornavam sua narrativa real e passível de convencimento.

Referências

- BARATA, M. 1973. *Escola Politécnica do Largo de São Francisco: berço da engenharia brasileira*, Rio de Janeiro, Associação dos alunos da Politécnica/Clube de Engenharia.
- FOUCAULT, M. 1990. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. 9.ed, Rio de Janeiro, Graal.
- FREITAS, M. L. 2011. *Modernidade concreta: as grandes construtoras e o concreto armado no Brasil, 1920 a 1940*. Tese. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo.
- _____. 2012. Os fios entrelaçados da cultura técnica do concreto armado: a atuação dos arquitetos Joseph Gire e Roberto Pentrice junto às grandes construtoras. *Anais*, II, Encontro da Associação de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Natal.
- GOMES, R. C. 1997. Cartografias urbanas: representações da cidade na literatura. *Semear, Revista da Cátedra Padre Antônio Vieira de Estudos Portugueses*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 179-188, 1997. Disponível em http://www.letras.pucRio.br/catedra/revista/1Sem_12.html Acesso em: 12 jul.2011.
- NOVAES, H. 1938a. Impressões de um curioso. *Revista do Club de Engenharia*, 46, 2151-56.
- _____. 1938b. Impressões de um curioso (continuação). *Revista do Club de Engenharia*, 48, 2285-94.
- _____. 1938c. Impressões de um curioso (continuação). *Revista do Club de Engenharia*, 50, 14-25.
- _____. 1938d. Impressões de um curioso (continuação). *Revista do Club de Engenharia*, 51, 16-25.
- _____. 1939. "Impressões de um curioso". *Revista do Club de Engenharia*, 52, 14.
- _____. 1942. José Mattoso Sampaio Corrêa, o pae da minha engenharia. In.: Grinalda de saudades. *Revista do Club de Engenharia*, 8, 82,18-19.

- ORTIGÃO JR. R. 2004. *O clube de Engenharia e sua história*. [Online], Clube de Engenharia. Disponível em: <http://www.clubedeengenharia.org.br/novo/ramalho.php>. [Acessado em 25 fevereiro 2005].
- PICON, A.1994. Les modeles de la metropole: les polytechniciens et l'aménagement de Paris. In: BELHOSTE, B., MASSON, F., PICON, A. 1994. *Le Paris des Polytechniciens: Des ingénieurs dans la ville 1794-1994*. Paris, Délégation à l'action artistique de la ville de Paris, p.137- 154.
- PORTELLA, L. de A. 1959. 25 anos de publicação ininterrupta da segunda fase da revista do clube de engenharia. *Revista do Clube de Engenharia*, 277, s.p.
- REVISTA DO CLUB DE ENGENHARIA. 1937. Rio de Janeiro, Ninguém é profeta em sua terra... 36, 1587.
- SALGUEIRO, H. A. 1997. *Engenheiro Aarão Reis: o progresso como missão*, Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro.
- _____. 2004. Biografia intelectual e Paisagem Urbana no Brasil: de Aarão Reis a Pierre Monbeig. In: PERRONE-MOISÉS, L. (Org). 2004. *Do positivismo à desconstrução: ideias francesas na América*, São Paulo, EDUSP.
- SCHWARCZ, L. M., COSTA, A. M. da. 2000. 1890-1914: tempo das certezas. Reflexões sobre o Brasil da era da ciencia, São Paulo, Companhia das Letras.
- SILVA, M. J. 1959. Engenheiro Henrique de Novaes. *Revista do Club de Engenharia*, 277, 25.
- TELLES, P. C. da S. 1993. *História da Engenharia no Brasil: século XVI a XIX*, Rio de Janeiro, Clavero, v.1.
- _____. 1993. *História da engenharia no Brasil: século XX*, Rio de Janeiro, Clavero, v. 2.
- VARGAS, M. (Coord.). 1994. *Contribuições para a história da engenharia no Brasil*, São Paulo, EPUSP.
- _____. 2001. *História da ciência e da tecnologia no Brasil: uma súmula*, São Paulo, Humanitas/FFLCH/USP, Centro Interunidade de História da Ciência.